

*Nº 12*

# REVISTA DO NORTE

RECIFE, 30 DE JUNHO DE 1891

## NOTAS DE TANGENCIA PELA PHILOSOPHIA

### I



ão parece-me ocioso volver, uma vez por outra, os olhos sobre esta abstracta compendiação do saber, a que, desde os tempos da hegemonia mental da Grecia, se chamou philosophia. E, entre nós, com a eliminação das cadeiras de philosophia dos cursos de instrucção secundaria, avulta consideravelmente a oportunidade deste balanço de idéas.

Devo, em tempo, declarar que fiz choro com Sylvio Romero nas criticas levantadas contra o ensino da philosophia nos lyceus brasileiros, porque, então, se ensinava uma protologia incongrua, a que, por certo, não se poderia applicar o nome de *abacadraba metaphysico*, com que Schopenhauer estigmatisou o systema de Schelling, mas que, incontestavelmente, fizera jus a qualificação de *tohu-bohu philosophico*, de cahos imprestavel de theorias derrandadas. Mas Sylvio propunha que ao estudo da philosophia no ensino secundario se substituisse o da logica, tal como ella foi emprehendida por Mill, Bain, Überweg (1); e eu desejava que á logica se addicionassem algumas noções geraes sobre o modo de conceber o mechanismo do universo e em particular das sociedades, noções cujo principal valor estava em estabelecer a connexão unificadora entre todos os ramos de sciencias anteriormente estudados, e collocar o estudante em es-

---

(1) No opusculo. — A philosophia e o ensino secundario.

tado de conseguir, por seu proprio esforço, uma solução plausivel aos problemas sociaes e psychicos que se levantam, a cada momento obstruindo o caminho dos que meditam sobre estas cousas (2). Queria mais que a psychologia, como sciencia autonoma e distincta que é, constituisse um preparatorio, ao menos para a matricula das escholas juridicas, onde ha tanta necessidade desse estudo, para mais claramente se comprehenderm muitos principios de philosophia do direito e direito criminal.

Nem pareça estranho dizer que a psychologia é uma sciencia propedeutica da philosophia do direito. Não ha por ventura um sentimento juridico acompanhado da acção impulsiva e irradiante do prazer ou da acção depressiva e irritante da dor? Não ha toda uma emotividade que tem por base o direito tal como o sedimentaram, em nossa consciencia individual, a hereditariedade e adaptação civilisadora?

*O Kampf um Recht* é uma bella variação sobre o thema da irritabilidade legal.

E o conceito do direito, como idéa, e como força ou como idéa força, para falar com Fouillée, e a personalidade juridica não serão, antes de tudo uns complicados problemas psychologicos?

Quanto ao direito criminal, suas relações com a psychologia são de tal natureza que nós podemos consideral-o um dos modos mais vastos de applicação das theorias psychologicas. As noções do crime, da vontade, da liberdade, da responsabilidade, do dolo, da culpa, da legitima defesa e de todos os phenomenos que dirimem, aggravam ou attenuam a criminalidade, isto é, os principios fundamentaes da criminalistica, hão de ser fornecidas necessariamente pela psychologia individual e comparada. E' certo que neste mister ella é esclarecida e auxiliada pela anthropologia e pela poliologia, como diria Arthur Orlando, pois que, d'esses factos, uns são essencialmente sociaes, como o crime, e outros se transformam em factores sociaes, como a vontade.

Com estes accrescimos, a sabia reforma do ensino secundario, que devemos ao sympathico paraclete da revolução de 15 de Novembro, o illustre Benjamin Constant, seria, a meu ver, completa e mais secunda. Já foi um grande passo, mandar a mocidade preparar-se nos fortes estudos das sciencias physicas e naturaes; seria con-

---

(2) Os primeiros principios de Spencer, completados e modificado de acordo com os progressos da sciencia, podiam servir de base a essa ordem de estudo.

tentar a todos os desejos completal-os pela forma apontada. A reforma foi realisada sobre as bases da classificação comteana das sciencias. Mas a essa classificação tem-se justamente censurado a ausencia da psychologia. E si recusarmos á logica um logar na serie hierarchica das sciencias abstractas, o que não é ponto decidido, é incontestavel o seu valor no prepero e orientação do espirito.

Mas fechemos esta digressão, que já se vae alongando em excesso, e voltemos ao assumpto principal deste escripto, que é o conceito da philosophia, tal como pode ser actualmente comprehendida, e quaes os caracteres proprios a esta disciplina. E si não é intenção minha demorar-me sobre o assumpto capital, seria imperdoavel detter-me em circumloquios, por mais intimamente ligados que se achem com as idéas que fôr expondo.

Comprehendo a philosophia como uma *synthese abstracta que generalisa, unifica e completa a totalidade dos conhecimentos humanos.*

As sciencias empregam processos de analyse, coordenando, clas- sificando, comparando, dividindo os factos de seus dominios res- pectivos, e depois effectuam generalisões, cada uma dentro de suas raias. E' a philosophia que resume todas essas generalisações par- ciaes, formando com elles um corpo de doutrinas que as unifica e harmonisa.

Até aqui a definição por mim apresentada parecerá em nada de distinguir da de Spencer, quando chama a philosophia *sciencia do mais alto grão de genalidade* (3). Mas eu me abstengo de dar á phi- losophia o epitheto de sciencia, porque ella não determina relações entre phenomenos, nem tem um objecto que lhe seja exclusivo e não cominum, ao menos n'algum sentido, com ás outras sciencias. Neste ponto me aproximo certamente mais dos positivistas france- zes e allemães que affirmam ser toda philosophia uma *concepção do mundo*, e de George Lewes, quando diz que ella — é a *systematisaçao das concepções fornecidas pela Sciencia*, que é o *episteme epistemon* (4).

Mas a philosophia se limitará modestamente a compendiar as conclusões das sciencias? Não conterá um elemento activo que reaja sobre as sciencias? Não se estenderá nunca além da totali- sação dos conhecimentos experimentaes?

São interrogações que se erguem naturalmente diante da defi- nição de Lewes, e ás quaes o illustre escriptor não attendeu suffi-

(3) *Premiers principes*, trad. de Cagelles, Paris, 1876, pag. 115.

(4) *The history of philosophy*, London, 1880, vol. I, pag. XVIII.

cientemente. Era esse um serio motivo para não me satisfazer com ella. E a todas essas interrogações tentei dar uma resposta na definição agora apresentada.

Nem cause admiração e censura o retirar á philosophia o nome de sciencia. Não é siquer novidade um tal modo de pensar, pois Renan já disse: “*Ce n'est pas nier la philosophie, c'est l'ennoblir que de déclarer qu'elle n'est pas une science, mais le resultat général de toutes les sciences.*

Mas si não é *uma sciencia*, é uma recapitulação ou, antes, um extracto de todas as sciencias que tem isto de original: simplifica e unifica e completa os resultados de todas ellas, sendo menos minuciosa do que qualquer dellas, porem tendo mais amplitude e mais profundezas do que todas reunidas.

## II

O carácter essencial da philosophia, o que a distingue de todos os outros conhecimentos, é a — universalidade.

Abrangendo o mundo em todos os seus aspectos, sem se preocupar especialmente com as accidentalidades ephemeras e com as peculiaridades dos seres, ella não tem um objecto seu, mas encara os phenomenos estudados pelas sciencias de um modo proprio, original, estabelecendo a ligação entre elles e fazendo surgir a concatenação harmonica do cosmos.

Poderei com exemplos tornar mais lucido este modo de ver. As sciencias nos dão o conceito do espaço, do tempo, da materia, do movimento, da força, nos convencem de que a materia é indestructivel, o movimento continuo, a força persistente, transformando se em equivalente, quando parece que se extingue, que o movimento dirige-se pelo caminho do menor esforço, não em marcha rectilínea e com um impulso igual, mas por linhas flexuosas e ondulações rythmicas; nos ensinam ainda mais que é do conjunto desses elementos que surge a evolução, que marcha do geral e homogeneo para o particular e heterogeneo, conforme a lei do polymorphismo, por uma differenciação seguida de uma integração, ou, em outros termos, por uma dissolução seguida de uma involução.

Todos estes principios e muitos outros, que formam o trama do pensamento moderno, a philosophia os haure nas sciencias particulares, das quaes elles são, a um tempo, os ultimos resultados e os fundamentos. Mas como nenhuma dellas os pode generalisar ao

conjunto cosmico, em virtude da restricção de seu campo de observação, é a philosophia que vem operar a unificação destes resultados parciaes, depurando, n'uma synthese superior, a totalidade do saber. Antes de aproveitados pela philosophia, esses principios accentuavam a grande variedade dos grupos de phenomenos, em frente a qual o espirito se sente oppreso e impotente. E' necessario que uma disciplina universal os abranja a todos, para poder coordenal-os logicamente em um só todo vivo e harmonico. Esta disciplina é a philosophia.

Entretanto a philosophia não é um simples reflexo passivo das sciencias. Alem de que encara os phenomenos por um aspecto novo — o da sua colligação universal, ella, depois de constituida, impulsiona as sciencias particulares, indica-lhes o verdadeiro methodo, e, por assim dizer, prevê muitas vezes as conclusões a que ellas hão de chegar.

Este caracter de universalidade da philosophia tem sido, mais ou menos resolutamente afirmado por todos os grandes philosophos. O *synoptikos dialetikos* de Platão, corresponde, como lembrou MarSELLI, á generalisação ultima de Spencer. A escala do saber, como a comprehendeu Coménius (5) é a seriação hierarchica do saber que serve de base á philosophia. Rogerio Bacon entendia a *metaphysica* como uma sorte de *philosophia das sciencias*. Wundt affirmava, não ha muito, que ou a philosophia tornava-se uma doutrina geral da scien-cia ou tinha de desapparecer. Podemos dizer desassombradamente que os bons philosophos antigos, excepção de Socrates, os estoicos e Epicuro (não todos os epicuristas), comprehenderam a philosophia como abrangendo, a totalidade dos conhecimentos geraes.

CLOVIS BEVILAQUA.

---

(5) *A primis et imis, per media, ad ultima et summā mentes hominum, veluti artificiosa quadam scala, eleventur.*



## A QUESTÃO SOCIAL

(Continuação do n. II)



e a questão é toda política, a consequencia é que sua solução estaria em uma nova organisação, em que a centralisação seria a mola principal, em uma combinação socialista, em que o Estado faria de patrão, ou, pelo menos, se collocaria entre o capitalista e o operario para marcar o salario, deixando o cidadão de ser uma personalidade para tornar-se simplesmente um instrumento nas mãos do poder central.

Ora, para o marquez de Castellane, a quem o Estado afigura-se uma realidade viva, um homem grande, o ponto de apoio da nova organisação social está nos costumes.

“C'est par les mœurs, ou pour parler plus, clairement par “les habitudes frises” que l'ouvrier peut passer de l'état de salarié à celui de bénéficiant”, de l'état de domestique à celui de co-propriétaire”.

Assim, segundo o conceito do gentilhomem democrata, o Estado alem de constructor de caminhos de ferro e de linhas telegraphicais, alem de fabricante de tapeçarias e porcelanas, alem de explorador de minas e captaes, seria reformador de costumes !

Eis o que o auctor do *Quarto Estado francêz* chama uma douctrina e considera o meio practico de conciliar os direitos dos tres grandes factores da producção humana : o dinheiro, a intelligencia e os braços.

Entretanto, convém não deixar passar desapercebida uma circumstancia: De Castellane, que considera o poder do Estado sem limites, a ponto de lhe parecer que basta dar este o exemplo para que os costumes se transformem, e d'este modo se opere o advento de um novo estado social, entende que para attingir-se este resultado, é preciso evitar tres faltas: a precipitação, o desprezo do capital e a violação dos direitos individuaes dos capitalistas.

Mas em que tempo começar a acção do Estado para que não se dê precipitação ? Depois não devemos repetir com um sabio que é preciso sempre fazer o melhor e fazer o mais depressa possível ?

A respeito do capital e dos direitos individuaes, a restricção feita á acção do Estado é de tal ordem que a questão como que perde inteiramente todo carácter politico para tornar-se puramente social.

Já tendo escripto que toda guerra ao capital não o destruiria, mas fal-o-ia emigrar, de Castellane affirma que "toda medida que, sob o pretexto de elevar socialmente o operario fazendo-o participar dos proveitos do seu labor permittisse a um agente official do Estado interpôr-se entre o patrão e o trabalhador para lhes dictar as condições do contracto, seria um crime de lesa liberdade."

N'estas condições a que ficaria reduzida a "missão pacificadora e transformadora do Estado" para poder libertar o proletario da exploração do capitalista?

Se a Revolução "proclamou o individualismo" não foi de certo aquelle individualismo selvagem, brutal, de que fala Siciliani, o individualismo nihilista, que quer "a extirpação do Estado com todas as suas instituições politicas, civis, ecclesiasticas, militares, industriaes, universitarias, juridicas, financeiras", nem tambem o individualismo empirico e utilitario, como entende Smith, reduzindo o Estado a uma instituição de polícia para "garantir a livre actividade dos individuos, a livre convivencia entre os membros da sociedade."

O Estado, como um organismo que é, tende a desenvolver-se, e assim como poderia elle progredir, se a sua missão não passa alem da garantia dos direitos individuaes?

N'este ponto estou de acordo com Renan: entendo que todo sacrificio do individuo é permittido para o Estado attingir o seu fim — o progresso, "porque n'esse caso o sacrificio não é feito ao gozo de um outro, é feito á sociedade inteira. E' a ideia do sacrificio antigo, o homem para a nação: *expedit unu'm hominem mori pro populo*".

O que ensina e proclama não somente a Revolução, mas toda a História, é que os direitos individuaes devem ser respeitados em quanto não vão de encontro ao principio do progresso social, que lhes é superior.

O direito tem o seu *criterium* no desenvolvimento da sociedade; só é direito o que não é contra esse desenvolvimento.

Com isto não quero dizer que em face do Estado o individuo seja um puro accidente, pelo contrario, afigura-se-me uma realidade, em que o Estado tem a sua base, e que affirma-se como força, mas uma força que se disciplina que se eleva do particular ao geral, que se faz razão.

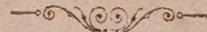
Estado e individuo são termos que prendem-se, combinam-se, completam-se, de maneira que um não pôde dizer-se meio nem fim absoluto do outro.

D'ahi vem que o problema social nem diz respeito somente ao individuo, nem simplesmente ao Estado.

O objectivo da humanidade, principio superior ao fim dos individuos e dos Estados, é a mais alta cultura possivel, a qual não pôde ser confundida com o gozo pessoal para transformar o Estado em dura instituição de policia ou em mero asylo de beneficencia. O Estado, "machina de progresso" na phrase de Renan, é destinado a dar conta dos factos historicos nas conquistas do ideial da humanidade, removendo os obstaculos contra os quaes seriam impotentes os esforços individuaes.

(Continua)

ARTHUR ORLANDO.



## Arrebol



é que espectaculo : A aurora  
Não tarda a bordar o céo  
Com sua luz tentadora  
E a seda azul do seo véo.

O olhar do sol, penetrante  
Como um punhal aguçado,  
Fita de longe o levante  
Com ancias de apaixonado.

Um raio fino e medroso  
Da pura luz matutina  
Embala-se ebrio de gozo,  
Nos cabellos da neblina.

E' como um cesto de rosas  
Aquelle canto do espaço  
Que vae corando. Alterosas  
Nuvens, da alvura do aço,

Brincam no ar sonoro  
Inda crivado de estrellas.  
Vem vindo o dia glorioso  
— Rubens das lucidas telas !

Mas — deixa a contemplação —  
Ouve: Aurora, rosas, raio  
De luz, neblina, o desmaio  
Das estrellas na amplidão,

Tudo é menos luminoso,  
Menos suave e sereno,  
Do que esse arrebol formoso  
Que tens no rosto moreno !

IZIDORO MARTINS JUNIOR

---

## O RIO GRANDE DO SUL

(PORTO-ALEGRE)



Porto-Alegre é uma das cidades do Brasil onde a luz do sol penetra mais intensamente, mais viva, e sob este ponto de vista Londres, com toda a sua sumptuosidade, torna-se menos attrahente do que a modesta capital rio-grandense.

O que lhe falta de tradições e curiosidades, que encontraria o viajante á saciedade em qualquer recanto da Palestina, da Grecia ou de Roma, sobra-lhe em claridade, em naturesa e no movimento da sua vida quotidiana.

Em Porto-Alegre tudo se desenvolve com a vertigem do progresso americano, sem as demasias quasi phantasticas das cidades argentinas. Aqui levantam-se, do dia para a noite, cidades como La Plata, abrem-se canaes que levam grandes embarcações pelo interior do paiz, mas de ves em quando morre-se á mingoa de pão, ou luta-se nas praças publicas, ao impulso desse mesmo progresso, que excede a todas as forças impulsoras das civilisações modernas.

Ao ver-se Porto-Alegre, na altura das Pedras Brancas, com as suas casarias brancas como as garças dos seus rios e lagos, sente-se o viajante ferido dessa surpresa agradavel, que produzem os grandes panoramas e pensa-se estar diante de Montividéo, á poucas milhas de distancia.

A cidade de Porto-Alegre está situada á margem esquerda do Guahyba sobre uma collina bastante elevada e estendendo-se para os dois lados, pelos declives e pelas planicies, ficando por tal forma dividida em tres partes : central, oriental e occidental. E' na primeira parte que existem : o palacio do governo, a assembléa legislativa, o theatro S. Pedro e o jardim municipal, em cujo lado do nascente ergue-se a estatua do Conde de Porto-Alegre, tão heroicamente assinalado em nossa historia militar. Na parte oriental em uma varsea de immensa área, fica a escola militar, edificio moderno, bem architetado e elegante, em que despendeu o governo do imperio, para mais de quinhentos contos de reis. No lado occidental é que se encontram as melhores praças da cidade, como a da Homenagem, da Alfandega e Conde d'Eu, perfeitamente ajardinadas e onde se recreiam os habitantes da cidade, no verão, quando não pre-

ferem os bairros do *Menino Deus* e *Caminho Novo*, aliás muito agradáveis pela naturesa esplendida da sua posição topographica.

Esses bairros, que distam poucos kilometros da cidade, onde respira-se o ar puro dos lugares sadios, são grandemente frequentados, á tarde, pelos cavalheiros e senhoras da mais alta sociedade porto-alegrense, que, entretanto, logo ao escurecer, voltam para a grande vida das ruas e das praças, cujo movimento á noite é extraordinario e profuso. Então, abandonados pela gente honesta, começam de novo a povoar-se das *cocottes* em voga, que para ahi vão em carruagens de luxo insultante, com os seus amantes preferidos, e, onde ficam muitas vezes, até o clarear do dia, na dissipação allucinadora de uma mocidade ruidosa, mas já estragada pelo vicio desenfreiado da carne e pelos excessos do *champagne*.

A vida em Porto-Alegre é a mesma que se leva, em ponto pequeno, no Rio de Janeiro ; de modo que a transição da grande capital da União, para a metropoli do Estado do Rio Grande do Sul, não é dessas que produzem nostalgias agudas e que deixam abatimentos profundos nos espiritos avidos do movimento, do ruido e das sensações das cidades populosas. Costumes, habitos e vida exterior são os mesmos, com a relatividade que provem da diferença de população e de fortuna. As senhoras percorrem a cidade e os subúrbios sosinhos; entram nos botequins, nas confeitarias e nos hoteis, sem que por isso mereçam a mais leve censura, ou se exponham ás seduções dos Faustos insolentes. E todavia são a personificação da graça, da gentileza e da formosura !

E' na rua dos Andradas, uma rua larga e acceiada, que á noite, na abundancia da luz do gaz, palpita mais expansivamente a vida da cidade inteira. Tudo vae ter alli. Enchem-se as lojas, os cafés, as livrarias, as casas de modas e ainda a rua, num vae-e-vem methodico, até as dez horas. Brilham á luz penetrante do gaz joias de subido preço, ouve-se o fru-fru das sedas e das tarlatanas, arfam os seios nus e opulentos nas compressões brutaes de aromaticos espartilhos, e dizem-se coisas delicadas, espirituosas, que levam ao espirito observador a certeza de estar-se entre um povo illustrado e cheio dessa animação que raramente se encontra nas cidades do norte, onde a existencia é toda interior, pacata e egoistica.

Em Porto-Alegre, como no Rio Grande e Pelotas, a conversação pelas salas é sempre elevada e attrahente ; falla-se dos ultimos livros nacionaes ou estrangeiros, que apparecem no mercado das livrarias, das ultimas operas que se cantavam em Milão, cujo ruido

chegára até alli pela critica dos especialistas europeus; dos artistas lyricos que na estação passada fizeram a sensação de Paris ou Londres, do Rio de Janeiro ou Buenos-Ayres e o artista, pintor ou ar-chitecto, romancista ou dramaturgo, tem todas as considerações dos centros civilisados.

Alem da vida animada das ruas, das praças e dos bairros pittorescos, ha em Porto-Alegre a vida dos theatros e dos clubs. Entre estes ha o *Club Commercial*, de que faz parte a primeira sociedade porto-alegrense, de uma severidade escrupulosa, cujos salões abrem-se de mez em mez, para os seus bailes sumptuosos, a que comparecem as damas mais formosas, mais illustradas e mais distintas da cidade. Ahi, como nos theatros e na *Philarmonica*, o luxo entre as senhoras tem tomado as proporções do delirio. Desde as botinhas até os gramos que prendem os sedosos e aromaticos cabellos, tudo é rico, tudo é custoso e delicado.

Os saráos da *Philarmonica* são entretanto os mais concorridos. Apaixonados como são pela musica, exhibem-se ahi senhoras e ca-valheiros, cujas harmonias transcendentes deixam agradaveis e du-radouras impressões a quem os ouve ao menos uma vez, ora em instrumentos de diffíl execução, como o violino e o piano, ora nos transportes sublimes do canto, em que logo se percebe a mais per-felta e severa educação artistico-musical. Ha sopranos que marcam os mais altos registros, com as mesmas melodias e o mesmo timbre de vóz delicado das grandes cantoras profissionaes e isto dá a medida exacta do espirito altamente cultivado do povo porto-alegrense, que alem de tudo prima pela delicadesa do trato, ainda mesmo com aquelles a quem vê pela primeira vez.

O porto-alegrense chegou tambem a conclusão de que não ha nada que falle mais eloquentemente da civilisação de um povo, do que as suas letras e as suas artes, cultivadas com a verdadeira insti-tuição do bello, e é por isso que alli floresce a poesia, o romance e a musica como em nenhuma outra parte do Brasil, a não ser no Rio de Janeiro ou em S. Paulo; é por isso que as bôas companhias lyricas ou dramaticas encontram invariavelmente nos seus habitantes o mais franco e dedicado acolhimento; é, emfim, por isso que quando appa-rece uma producção litteraria dos seus escriptores, aliás desconhe-cidos do norte, desperta, já na imprensa e já no povo, esse interesse e essa curiosidade, que constituem o maior incentivo do homem de *lettres*.

E' francamente um meio onde a vida se espande com todas as manifestações da força, da intelligencia e do prazer.

Com tudo o movimento civilizador de Porto-Alegre, como o do Estado em geral, não teria semelhante desenvolvimento, talvez, se não fosse o grande numero de corpos do exercito, que alli existem permanentemente, na guarnição das fronteiras, e principalmente a escola militar, donde partem as verdades das sciencias positivas e os mais bellos exemplos de patriotismo.

Disto resulta a franca e bôa acceitação que tem o militar em todo o Rio Grande do Sul, onde o soldado é tido como a mais viva expressão de todos os sentimentos generosos de um povo; porque o soldado synthetisa a imagem da Patria, a sua dignidade, os seus brios, o seu heroísmo, a su'alma, emfim.

Alem dessa vida do coração e da intelligencia, ha ainda em Porto-Alegre a vida do trabalho, de cujos resultados deriva aquella.

Grandes fabricas de calçados, de chapeus e de cerveja, ocupam um pessoal enorme de brasileiros, portuguezes, hespanhoes, italianos e allemães, que no meio desse lutar incessante da vida pela vida, vão fraternisando pelo sentimento e pelas ideias.

A vida oficial é todavia a mesma das outras capitais brasileiras: muito funcionalismo publico, muita politica de conveniencias individuaes e muitos estragos do suor do povo, que afinal de contas é a eterna besta de toda a parte.

Não ha muito ainda o commercio desenvolvia-se na cidade com auspiciosas proporções; do dia para a noite fundavam-se grandes casas de negocio, com excellentes capitais; não se trajava senão fazendas preciosas, mas nos despachos da alfandega não se encontrava uma peça de seda ou uma camisa de linho. Em compensação a alfandega rendia cem contos de reis, quando devia render trescentos.

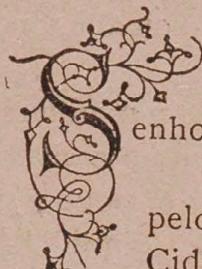
Ainda neste ponto o porto-alegrense manifesta o seu tino, a sua vivacidade e o seu cultivo.

Orgulhoso do seu amenísmo clima, das suas vastas campinas onde mágem os grandes bois ariscos, das suas lagôas que parecem mares interiores, o que não seria o povo rio-grandense se Porto-Alegre tivesse a população do Recife, os rios e as pontes que cortam a cidade pernambucana, e, que, em noites claras, quando a lua projecta os seus raios de prata sobre as aguas tranquillas do amoroso Capibaribe, dão-lhe um aspecto sublime, quasi phantastico!

## VARIOS

(1882 á 1884)

## I - A ESCRAVA



senhor. Dae uma esmola á pobre desgraçada  
 no berço sequestrada  
 pelo instrumento vil da escravidão, senhor.  
 Cidadãos: um ceitil, um obulo por favor !  
 Ouve-me: tenho pão. A dôr que me consome  
 a dôr que me domina, é maior que a da fome.  
 Eu sou escrava ! Sim, imploro á caridade,  
 não o pão do faminto, o pão da liberdade.  
 Sou escrava, senhor, sinto dentro do peito  
 devorar-me essa chaga atroz do preconceito  
 do captiveiro. Escrava.... este nome é um grilhão  
 que prende o pensamento e prende o coração.  
 Vocabulo cruel ! prohibes-nos querer  
 e pensar e sentir como um mortal qualquer.

Tu vales a Injustiça,  
 instrumento do mal, invento da cubica !  
 Tambem sou mãe, christãos, e como as mães christans  
 eu soffro a mesma dor que padeceu Maria.

Corações infantis,  
 vós não podeis vender mais preito e idolatria  
 do que eu á meus paes, aos velhos e aos avós.  
 Tambem sou filha e esposa e sinto como vós,  
 oh esposas e mães,  
 o mesmissimo amor que todas vós sentis !

Senhor. E' necessario erguer á soberana  
 culminaçao da especie essa boiada humana  
 dos escravos, Senhor:  
 Dae pois a vossa esmola á escrava, por favôr !  
 Quem der-me n'um ceitil o pão da liberdade  
 tém-no dado tambem á Patria e a Humanidade,

## II — PENA DE MORTE

Cruel devastação sobre o planeta humano.

Oh Lua distendei a vossa luz prateada  
sobre o scenario vasto  
deste globo que serve aos grandes Reis de pasto;  
constellações, soltae a vossa gargalhada  
á face do tyranno.

Ergueu-se o cadafalso em meio á larga praça  
e a bruta populaça  
sem compaixão, sem dó  
consentiu reduzir-se um corpo humano em pó.

Morreu co'a indifferença  
que lhe inspirava a fé, que lhe inspirava a crença  
em Deus. O condemnado  
obedeceu á lei calmo e desassombrado.

Foi ella quem mandou — a lei convencional —  
esquartejar o heróe.  
O martyr padeceu a *morte natural*  
carregado de infamia e opprobio e de desdouro ;  
e estamos tão no fundo abysmador do vicio  
que na Terra se assiste ao publico supplicio  
como se assiste á morte humilima de um touro  
da que ninguem se dóe.

---

## IN MEZZO DEL CAMIN

( NO ALBUM DE UM COLLEGA, NO DIA EM QUE NOS SEPARAMOS  
DEPOIS DO CURSO )



Separaram-se um dia os dois romeiros :  
Mas, ao partir, com voz triste e magoada  
— guarda meu nome, um disse; “ e forasteiros  
Foram perder-se ao longo da quebrada

Tempos depois, a furia dos pampeiros  
Veio encontral-os sobre a mesma estrada.  
Olham-se, embalde ! (Oh treva dos outeiros !)  
“ Dize meu nome.” — Chamas-te.... (mais nada !)

Tambem tu partes e quem sabe um dia  
Na mesma estrada luminosa ou fria,  
Outra vez nos veremos lado a lado;

E porque então, nunca te esqueça um nome,  
Rico de amôr, embora sem renome,  
Guarda-o no peito; chamo-me Passado !

1890, Janeiro.

GÉRVASIO FIORAVANTE.

